



Biograph



AMAZÔNIA: MEMÓRIAS DE INFÂNCIAS DOS RIBEIRINHOS MARAJOARAS MUANENSE.

Luana Ramos Espírito Santo

Universidade Federal do Pará

Doroteia.muana@ig.com.br

1. Tecnologia – aspectos positivos e negativos.

O homem, ao longo da sua existência evolutiva, está sempre em busca de condições favoráveis à própria sobrevivência. Mas, se por um lado elas nos são favoráveis, por outro, afetam de alguma forma aspectos relevantes a costumes, tradições entre outros. E aqui, destacamos a tecnologia para expor algumas condições favoráveis e desfavoráveis ao uso dessa ferramenta. Pelas palavras de Kenski (2007) podemos entender o seguinte: “As tecnologias invadem as nossas vidas, ampliam as nossas memória, garantem novas possibilidades de bem estar e fragilizam as capacidades naturais do ser humano” (p.19). Enfatizando essa crítica, podemos nos valer de Gonçalves em seu artigo Impacto das tecnologias no cotidiano das pessoas.

“Pode-se destacar como pontos positivos: velocidade, criatividade e conforto. [...] Os pontos negativos percebidos pelo avanço tecnológico pode ser visto através do sedentarismo em que muitas pessoas passam horas e horas em frente de um aparelho. Este hábito impacta uma rotina de vida saldável através de atividades físicas e alimentação correta e balanceada, falta de comunicação interpessoal” (s/d) (grifo nosso).

Notadamente, os artefatos midiáticos chegam em toda parte do universo rapidamente. Eles invadem os espaços sociais com os objetivos propostos. Entretanto, esses dois pesquisadores pontuam com clareza as vantagens e desvantagens da tecnologia para as pessoas.

2. Infância e universo lúdico nas concepções de Vigotsky, Pollak e Wallon.

O homem é um ser que está sempre se articulando e manifestando tendência lúdica na realização de tarefas. Dessa maneira, acreditamos que a brincadeira é uma atividade

propícia e qualquer faixa etária por inúmeros objetivos. Mas, buscaremos aqui expor o seguinte: a criança desde muito cedo apoia-se no universo lúdico para externar o significativo por meio do brincar, além do chorar. Críticos das mais diferenças áreas trazem concepções importantes que nos instigam a refletir e investigar em nosso contexto tais afirmações, sob o olhar de distintas gerações. E aqui destacamos as seguintes: a de Lev S. Vigotsky. Para este pensador o contexto social histórico e cultural formam um referencial para a compreensão do desenvolvimento cognitivo da criança, além do mais pela teoria de Vigotsky os mecanismo para que ocorra esse desenvolvimento se firmam em três pilares: na origem dos processos sociais, na compreensão dos instrumentos e signos que os mediam e no genético-experimental. Vigotsky in Moreira (2011, p. 107 – 8); Para Henri Wallon, o processo evolutivo humano depende de dois aspectos: da capacidade biológica e do ambiente. Portanto, segundo ele, o sujeito nasce com um equipamento orgânico possibilitando-lhe alguns recursos. Porém, o contexto é crucial para o desenvolvimento dessas potencialidades. (Nova Escola, 2011). Além do mais, parafraseando Almeida (2008), é relevante afirmar que na obra Walloniana, a afetividade e a inteligência são equivalentes na constituição do domínio funcional. Esses dois elementos são sincrônicos na evolução psíquica. São interdependentes e possibilita a criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados. (p. 350); para Pollak, a memória é um elemento que constitui um sentimento de identidade individual ou coletiva na medida em que ela se apresenta como um fator crucial na reconstrução do sentimento contínuo e coerente de uma pessoa ou grupo. (p. 204).

Diante dessas proposições podemos inferir que a criança se torna interativa a partir do contato com o meio social, dentro da cultura de origem e o processo histórico de seu povo. E por meio dos vínculos afetivos os ensinamentos e as aprendizagens inter geracionais vão ocorrendo e se tornando imutáveis.

3. Cultura e Sociedade: aspectos socioculturais, povos e identidades – o contexto amazônico marajoara muanense e memórias dos sujeitos.

Nesta sessão trataremos da cultura e sociedade referendando os aspectos socioculturais e a identidade do povo amazônico marajoara muanense. Contudo, a ênfase maior é relevante à apresentação do foco deste trabalho: o registro das memórias de infância deste contexto nos anos 40. Se por um lado trazemos no cerne de nossa genética alguns fatores relevantes a uma determinada cultura, por outro, o contexto onde nos inserimos nos oferece outros. O espaço amazônico é influenciado por muitas culturas. É relevante, porém encontrarmos mais acentuadamente a indígena. Representadas por inúmeras situações. Entre as quais, a linguagem, os costumes, crenças e diversões caracterizando-o. Muaná está na ilha de Marajó, no estado do Pará, no contexto amazônico. E dista 80 Km em linha reta da capital do estado. Além de participar do movimento da Independência do nosso país em 1982, é marcado pela exuberância da natureza de floresta, campos, várzeas e rios. Possui uma sociedade considerada cabocla de aproximadamente 30 mil habitantes. E que ainda guardam nas memórias aprendizados de gerações passadas, com grandezas de significações. E completando esse cenário, encontra-se o rio Atatá. Foi nesse espaço

ribeirinho que realizamos a entrevista com três sujeitos idosos. Os quais tiveram suas infâncias marcadas por brincadeiras nos anos 40. São pessoas de famílias humildes moradora em palafitas. Duas senhoras e um senhor na faixa etária de 80 anos aproximadamente. Possuem muitos filhos, netos e bisnetos. Todos morando aos arredores de suas casas. Logo, podemos inferir um costume do povo nato. A primeira senhora é identificada aqui por dona G; a segunda por dona Z e o senhor por AR. As brincadeiras narradas por eles e aqui registradas foram: o Jogo do bole bole, a Disputa do corropio e o Adivinha do passa o raminho. Vale ressaltar que toda essa atividade lúdica tem como suporte os elementos naturais da própria realidade. Os registros foram feitos com base em conversações com os sujeitos.

Nessas perspectivas, indagamos a cerca do ato de brincar naquela época. Dona G explicou o seguinte:

Não tinha muito tipo de brincadeira o que tinha muito era quem brincar. Lembro: por volta dos meus 5 anos a de Adivinha do passa o raminho era a nossa favorita. Reunia muitos de nós em roda no chão sentados. Podia ser homem ou mulher. Todos brincavam. Era aquela alegria. (G. rio Atatá, jan. 2016)

Dona Z expôs: “– Naquela época, aqui em casa por volta dos meus 7 à 10 anos n’ s fazia muita brincadeira mas a preferida era o Jogo do bole – bole. Até hoje eu brinco com meus netos e bisnetos. A gente senta tudo no chão, jogando um de cada vez. Pra vê quem tira mais bole bole. E ganha quem tira mais”. (Z. rio Atatá. Jan. 2016). O terceiro entrevistado lembrou: “– Tenho saudade desse tempo. Vivi meus 5 à 10 anos. Cada inverno era esperado com ansiedade. Eu e meus irmãos ia pro rio pegar fruta de pitaíca e miriti. E com talas finas do jupatí fazia us currupiu para disputá a rodada do currupio com nossos primo no salão do meu avô”. (A.R. rio Atatá, jan. 2016).

Indagamos a eles também o que pode levar as crianças a se afastarem desse tipo de universo lúdico e tivemos os seguintes questionamentos: “– humm.. esses célula já traz as brincadeira mas as criança não se ajunto mas. Elas ficam sozinha mexendo naquele aparelho” (G. rio Atatá, 2016). “– Muitos de nós nem ensina mas as nossa brincadeira pra essas criança de agora. Assim nem eles sabe brinca e vai passando”. (Z. rio Atatá, 2016). “– Os menino de agora nem se apercebe dessas coisa que nós gostava tanto. Brincam de outra coisa e até só com brinquedo moderno”. (A.R. rio Atatá, 2016).

Elucidamos esses expostos em Leontielv ([1959] 1978).

O processo de internacionalização da cultura requer a atividade do sujeito. A cultura não é algo dado às novas gerações. Ela está apenas posta. Cada criança precisa construir-se culturalmente. Para isso, além do equipamento biológico da espécie precisará conviver com humanos que lhe mostrarão de forma intencional ou espontânea o uso dos objetos, materiais e símbolos da cultura, nos quais estão acumuladas as qualidades

humanas e a partir da própria atividade construirá suas próprias qualidades. Nesse sentido, o processo de humanização do ser humano é eminentemente o processo de comunicação com outros seres humanos [...]. (p. 272).

Aguçando essas proposições de Leontielv, Teixeira (2009) confirma o que é dito pelos ribeirinhos atataenses:

“A criança passa ser vista como um sujeito ativo participante do seu próprio processo de construção cultural, que aprende e se desenvolve a partir da realização de suas atividades em interação com adultos e crianças e constrói significados sobre si mesmo, sobre o outro, sobre sua relação com o outro e sobre o mundo”. (p. 189).

Por essas falas significativas fica evidente que as brincadeiras dos anos 40. Eram interativas. Atribuía-se às crianças/sujeitos entrevistados possibilidade de vivência grupal e garantia da sobrevivência da cultura infantil local. Novamente trazemos à luz o que afirma Vigotsky a esse respeito. Pois, para ele, o homem não é o sujeito lógico, nem a soma, nem o organismo. Mas, a personalidade social, ou seja, as relações sociais são encarnadas no indivíduo. (Vigotsky, [(1929) 2000, p. 23).

Conclusão.

Com esta pesquisa descobrimos que a diversidade cultural das brincadeiras de origem vem cedendo espaço à invasão tecnológica e ao universo lúdico eletrônico. O que pode extinguir as interações sociais afetivas. Sob nossa ótica, é crucial retomar esses aspectos interativos por meio de registros da memória e incorporá-los as vivências infantis atuais. Firmando assim, os valores socioculturais identitários daquela coletividade.

Referências.

ALMEIDA, Rita Silva. A afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon*. Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG, 33 (2): 343-357, jul./dez. 2008.

GONÇALVES. Moises Oliveira Souza. Impacto da Tecnologia no Cotidiano das Pessoas. Faculdade de Juazeiro do Norte. (s/d).

KENSKI. Vani Moreira. Educação e Tecnologia: 2ª ed. Local Campinas Papirus, 2007.

LEONTIELV, Alexis. Desenvolvimento do psiquismo: Lisboa: Livros horizonte. 1959 – 1978.

NOVA ESCOLA. Edição [246](#), OUTUBRO 2011. Título original: *O que afeta a criança*. Disponível em:

<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/conceito-afetividade-henri-wallon-645917.shtml>

POLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro.vol 5. n. 10, 1992, p. 202 – 212.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos; ALVES, José Moysés. O contexto das brincadeiras das crianças ribeirinhas da ilha do Cmbu. Porto Alegre v. 21, 2008.

VIGOTSKY, Lev. S. ([1929] 2000).